



Em 1908, o Clero da Diocese era constituído por 87 sacerdotes: 22 seculares, 36 franciscanos, 11 da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus e 18 Jesuítas. Hoje a Arquidiocese de Florianópolis conta com um total de 176 presbíteros (sendo 96 diocesanos, 73 religiosos, 07 de vida apostólica) e 93 diáconos permanentes.

A Arquidiocese conta hoje com a presença de 417 religiosas, diversas pastorais, associações, movimentos e comunidades que reúnem o povo santo de Deus, com um número incalculável de ministros leigos, catequistas, missionários, agentes de pastoral, coordenadores e lideranças que animam a fé, a esperança e a caridade da Igreja.

Estamos neste ano centenário fazendo memória do passado, recebendo-o como dom de Deus; tomando consciência do presente, com a oferta de nossa resposta de fé; cultivando a esperança no futuro, através de práticas pastorais renovadoras.

Não há que se negar a importância da Igreja Católica em Santa Catarina, nesses cem anos de sua criação como Igreja diocesana. É impossível estudar a arte, o folclore e a cultura de nosso povo sem referências à Igreja Católica. Há marcos arquitetônicos e simbólicos – igrejas, santuários, museus, etc. – que embelezam nossa paisagem e atraem muitos turistas. Há expressões religiosas populares – festas de santos padroeiros, procissões, peregrinações, etc. – que reúnem multidões. Há colégios e escolas, hospitais e asilos, que servem à educação e à saúde do povo. Há instituições que atuam na promoção social do povo catarinense. Aqui foram criadas congregações religiosas. Aqui viveram santos e santas. Lembramos Santa Paulina e a Bem-aventurada Albertina.

Celeiro de vocações, a Igreja catarinense fundou seminários e casas religiosas, e deu ao Brasil e ao mundo muitos missionários e missionárias, religiosos e religiosas, padres, bispos e cardeais. O crescimento da Igreja nesses cem anos exigiu a criação de outras dioceses: Lages, Joinville, Tubarão, Chapecó, Caçador, Rio do Sul, Joaçaba, Criciúma e Blumenau.

Hoje temos em Santa Catarina uma Igreja da Palavra de Deus, dos Sacramentos da graça e da fé, uma Igreja samaritana que expressa a caridade de Deus para com os pobres e excluídos. Temos na Arquidiocese e em toda Santa Catarina uma Igreja de discípulos missionários que anunciam e testemunham o Reino de Deus-Pai, que quer felicidade e vida em abundância para todos.

Recebemos de Cristo o mandato “De graça recebestes, de graça dai”. É esta nossa missão pelos próximos cem anos!

Obrigado!

Endereço do Autor:

Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1524
Pantanal
88040-001 Florianópolis, SC



Resumo: Este texto tem por objetivo apresentar um panorama geral do Estado de Santa Catarina do ponto de vista sócio-econômico, cultural e político, suas implicações para o povo catarinense e as interpelações decorrentes desta realidade. Iniciando por um breve contexto histórico, é apresentado o perfil catarinense com alguns destaques próprios do modelo econômico implementado no Estado, aspectos da educação e da informação, de questões ambientais e de infraestrutura, bem como da organização política e social. Por fim são apresentados elementos da presença da Igreja Católica nestes meios, desafios e esperanças.

Abstract: This paper presents a general overview of the State of Santa Catarina from a social, economic, cultural, and political perspective, including some implications for its inhabitants and challenges related to this concrete situation. Beginning with a brief historical panorama, there follows a survey of determining factors of the economic context, implemented in the State, such as the objectives of education and media of communication, models of environment and underlying issues pertaining to its infrastructure, as well as the political and social organization. Finally, the article provides those elements of the Catholic Church, which are pertinent to its presence in each particular area, pointing out the challenges and expectations.

Santa Catarina: um estado de contrastes

Realidade social, econômica,
cultural, política.

Roberto Iunskovski*

* O autor é tem Mestrado em História, pela UFSC e leciona Realidade Pastoral Catarinense e Pastoral Social no ITESC.



Estamos num tempo de mudanças, manifestadas em avanços importantes, mas também em crises intensas de toda ordem, que impõem a necessidade de novos olhares e posturas para continuarmos nossa caminhada existencial / evangelizadora.

Podemos dizer que Santa Catarina é um estado de contrastes. E é a partir desses contrastes que precisamos nos situar para pensar as nossas ações.

Puxando pela memória

Os primeiros habitantes desta terra, os Guarani, Xokleng e Kai-gangs foram perseguidos e mortos para abrir espaço aos invasores, dos quais, grande parte de nós, somos herdeiros. Desses povos originários restam poucos sobreviventes, ainda, tendo que provar, a todo o momento, que têm valor e merecem respeito (terra, modo de vida, religião, etc). A maioria de nós nem sabe que foi desses povos que aprendemos a viver nesta terra, a lidar com as plantas que servem até hoje como alimento e remédio, a produzir a farinha da mandioca, a conhecer os animais e o clima, entre tantas heranças benditas.

Num outro tempo importante de mudanças na humanidade, o século 16, nasce formalmente um novo território, inicialmente como Capitania doada pela coroa portuguesa a um tal Pero Lopes de Souza, que por sinal, nunca sequer conheceu “suas terras”. Inicialmente Santa Catarina era apenas o litoral, onde foram fundadas as primeiras vilas. Somente na terceira década do século 18 que vieram os primeiros imigrantes açorianos para ocupar definitivamente o litoral. É neste mesmo período que a região serrana, o conhecido caminho de tropeiros entre o Rio Grande do Sul e São Paulo, passou à jurisdição da Capitania de Santa Catarina.

No século 19 ocorre a primeira grande transformação com a chegada de outros imigrantes europeus. Primeiro alemães, depois italianos. Mais tarde vieram poloneses, ucranianos, austríacos, holandeses, japoneses... Foram os imigrantes que construíram a identidade atual desse Estado.

Esses imigrantes se estabeleceram por todo estado, nas terras dos índios e dos caboclos. Caboclos, quem são eles? Eles são os restos de nossa gente que ainda não queremos conhecer. Mas cuja presença não se pode ignorar no planalto, médio e extremo oeste. [...] São descendentes de índios, negros e paulistas que se foram cruzando por aqui certamente com outros índios, negros, portugueses desconhecidos... E esses caboclos se constituem um bloco de gente que não se enquadra nos quadros



oficiais, por não se adaptar aos nossos esquemas do sistema econômico, político, social, cultural e religioso.¹

São esses que se juntaram entre si e com outros pobres e desprezados da região serrana para lutar pelo direito a terra e a dignidade no sangrento episódio do Contestado, que

é um fato histórico sem igual em nosso Estado, resultante de um conjunto de fatores culturais, econômicos, sociais, políticos e religiosos. Não foi apenas um fato isolado de revolta ou ação coletiva de caboclos serranos para enfrentar as dificuldades que se apresentavam, mas um momento especial de sua luta pela sobrevivência. A dimensão religiosa foi fator essencial neste movimento popular do início do século XX, marcado pelo caráter milenarista-messiânico, e é um dos principais elementos que garantem a permanência de sua memória.²

Quantos somos e onde estamos – a litoralização

Atualmente somos quase 6 milhões de pessoas morando em 293 municípios, com 83% da população em áreas urbanas e apenas 17% no meio rural, bem diferente da década de 40 no século passado, em que essa relação era inversa.

A conhecida imagem de um Estado sem grandes cidades, com população bem distribuída em municípios de médio e pequeno porte, vai sendo superada pela formação de importantes núcleos concentradores da população. A região conurbada de Florianópolis já passa dos 800 mil habitantes, Joinville está próxima dos 500 mil. As dez cidades mais populosas de Santa Catarina concentram 40% da população, número que aumentou em 15,63% desde o ano 2000. Enquanto isso, 182 municípios (62,11% do total) contém apenas 14,7% da população catarinense, com a tendência de continuar diminuindo este índice.

Esse movimento de concentração populacional também tem a marca da litoralização, ou seja, já chegamos próximos a 65% da população residindo nos 70 municípios mais ao litoral. Um exemplo é o município de Itapema, o que mais aumentou sua população em todo Brasil, segundo o último censo.³

¹ RIBEIRO, Hécion. *Da periferia um povo se levanta*. Paulinas: São Paulo, 1988, p. 21.

² IUNSKOVSKI, Roberto. *O Contestado e a experiência sócio-religiosa de caboclos em Florianópolis*.

³ Dados do IBGE, 2006.



O modelo econômico e suas implicações

De modo geral podemos dizer que tal configuração da distribuição da população é mais um dos reflexos do modelo de desenvolvimento econômico e social capitalista periférico em que estamos inseridos, do qual temos hoje dois setores bem representativos: o agronegócio e o hidronegócio predatórios.

Agro e hidronegócio

Denominamos o agronegócio predatório o tipo de atividade agropecuária que

se caracteriza pelo monocultivo em grandes propriedades, normalmente sob posse de poucos. Dessa maneira, trata-se de um fenômeno marcado pela necessária concentração da terra, pelo controle da produção e do capital por grandes empresas nacionais e multinacionais. Trata-se de um modelo de agricultura que explora indiscriminadamente a terra, a água e os recursos naturais gerando lucros para poucos e a miséria, a exploração dos trabalhadores e trabalhadoras e a destruição do meio ambiente⁴.

Atualmente, é muito grande o número de agricultores integrados às agroindústrias produtoras de carnes (aves e suínos), leite e fumo, mas também em outras cadeias produtivas. Os agricultores respondem às demandas das empresas com trabalho e um pequeno capital próprios. As empresas determinam a quantidade a ser produzida, o volume e o tempo de produção, as tecnologias que são utilizadas e os agricultores ficam com os passivos ambientais (contaminação da água, por exemplo) e os passivos trabalhistas, caso haja problemas com a própria saúde ou de trabalhadores contratados. Quando é o caso de disputas trabalhistas, são os agricultores que respondem por ações trabalhistas movidas por pessoas contratadas, não a empresa integradora.⁵

Este sistema torna as pessoas reféns em sua propriedade, privando-as da vida comunitária e de outras atividades e organizações sociais, pois, a atividade econômica os absorve totalmente.

O hidronegócio predatório é baseado essencialmente no uso econômico

⁴ Texto elaborado pela Coordenação Colegiada da Cáritas Brasileira Regional Santa Catarina – junho/08.

⁵ Artigo de Sidemar Presotto Nunes e Marcos Antônio de Oliveira, do Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais (DESER).

das águas de um determinado rio, quando interrompido através de uma barragem. As conseqüências desse procedimento são a destruição da mata e das encostas, a expulsão dos moradores e dos animais, a mudança de clima, a mercantilização da água e da energia que esta gera.

Da mesma forma como no agronegócio a terra é concentrada, no hidronegócio é a água que passa a ser concentrada nas mãos de poucas pessoas (latifúndio das águas). A concentração, privatização, poluição e mau gerenciamento da água estão excluindo milhões de pessoas do seu acesso.⁶

Vários governos europeus como os da Holanda, da Suécia e da Noruega, têm legislado no sentido de manter a água no domínio público. A mesma tendência verifica-se no Canadá e nos próprios Estados Unidos. No entanto, se a nível interno alguns estados são obrigados a inverter ou a travar processos de privatização, a nível externo, designadamente no Norte de África ou na América Latina, desenvolvem políticas agressivas visando conquistar para as suas multinacionais os importantes mercados da água e saneamento.⁷ Este fato está bem presente em Santa Catarina, onde grandes fontes de água mineral estão sendo adquiridas por multinacionais.

Questões ambientais

Em síntese, essas atividades econômicas predatórias provocam destruição das matas e redução da biodiversidade da flora e da fauna; reduzem dramaticamente postos de trabalho na agricultura familiar e camponesa; geram o êxodo rural e o esvaziamento populacional do campo; não produzem alimento para o consumo interno, já que sua produção é voltada para a exportação; usam indiscriminadamente agrotóxicos, o que tem provocado várias doenças, como alergia, hipertensão, câncer. As multinacionais, controladoras de sementes e alimentos, usam as mais diversas estratégias para difundir e impor o plantio e a comercialização de suas sementes, anulando a sabedoria milenar das pessoas do campo e o potencial das sementes crioulas.

As mudanças de paisagem e clima são visíveis (secas inéditas, contaminação da água, da terra e do ar, o aquecimento do planeta, etc.). A mata nativa vai aos poucos sendo substituída por árvores exóticas, como pínus e eucalipto, implicando em tais alterações climáticas, sociais

⁶ Idem.

⁷ <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/02/307475.shtml> (acesso em 26/ago/08).



e econômicas.⁸ O furacão “Catarina” ainda está bem vivo na memória de muitos catarinenses.

Agricultura familiar

Por outro lado, na agricultura familiar, são 180 mil propriedades, englobando 90% da população rural, ocupando 41% da área agrícola, e respondendo por 70% da produção agrícola e pesqueira catarinense, o que corresponde a 20% da produção nacional.⁹ Apesar desses números, a agricultura familiar sofre com a falta de política pública de proteção e de incentivo por parte do governo, não só voltada para a atividade agrícola diretamente, mas também de saúde, escolarização, transporte, cultura, entre outras, para a área rural.

Setores econômicos de destaque

A economia de Santa Catarina conta com grupos econômicos bilionários de destaque nacional, em setores como o de alimentos, metal-mecânico, elétrico e de plásticos. Também tem destaque os pólos madeireiro, mobiliário, papel e celulose, têxtil e um importante complexo tecnológico especialmente na capital e litoral norte.

Um setor que vem crescendo em nosso Estado é a pesca, que é dividida em artesanal e industrial com diferenças nada fáceis de conciliar. Neste segmento cabe ainda referência ao rápido desenvolvimento do cultivo de peixes e moluscos, especialmente na maricultura em extensas faixas do litoral.

Nos setores econômicos destaque não se pode deixar de citar o turismo, e sua gama de possibilidades desde as belezas naturais das mais diversas (litoral, campos, águas termais...), o patrimônio histórico-cultural, práticas esportivas e o turismo de eventos e negócios. Tal atividade econômica traz o desafio das populações transitórias (e que em muitos casos acabam se tornando residentes) em nossas cidades e comunidades.

Cooperativismo – uma grande alternativa

O cooperativismo tem forte presença na economia em Santa Catarina. No modelo mais tradicional, ligado à Organização das Cooperativas de Santa Catarina (OCESC), são registradas 256 cooperativas, desde grandes agroindústrias até pequenos grupos de artesãos, num total de 776.749

⁸ Idem.

⁹ Dados do ICEPA 2004. Organização Valmor Umbelino: Realidade Catarinense: indicadores. Assembléia Cáritas SC, 13/02/2007.



cooperados, com receitas totais de 9,1 bilhões de reais em 2007.¹⁰ Esse modelo ainda carrega as marcas da centralização e pouca transparência para com os cooperados nas decisões estratégicas e no controle real dos negócios, embora, oficialmente, não seja esse o discurso. O cooperativismo de crédito está em franco crescimento, no campo e na cidade, com nova regulamentação e oportunidades de ampliação de sua atuação, que pode representar uma interessante alternativa ao sistema bancário tradicional, sabidamente prejudicial, principalmente para os mais pobres.

Temos também o cooperativismo oriundo dos movimentos sociais, com as Cooperativas da Reforma Agrária ligadas ao MST e demais empreendimentos articulados na rede de Economia Solidária. São inúmeros empreendimentos de auto-gestão procurando alternativas de sobreviver caminhando na contramão do mercado excludente e concentrador. Alguns desses empreendimentos já alcançaram maturidade, outros ainda são iniciativas ainda tímidas, procurando se articular cada vez mais, construindo o seu espaço. Nesta empreitada a Igreja Católica tem papel decisivo, especialmente a partir da Rede Cáritas.

Geração de renda e emprego

O PIB catarinense somou R\$ 85.295 milhões na série 2002-2005 (último período apurado), ocupando a 7ª posição entre as 27 unidades da Federação, participando com 4% do PIB nacional.¹¹

As taxas de desemprego são ainda elevadas, embora o comportamento no ano de maio de 2007 a maio de 2008 manteve a trajetória de aumento do emprego, na ordem de 2,61%.¹² Em 2008, vivenciamos situações em que setores da economia, como na construção civil, encontram dificuldades em contratar mão-de-obra, principalmente para as atividades que demandam alguma especialização. A qualificação da mão-de-obra ainda é um problema grave. Mas tal qualificação não dará conta de superar o desemprego estrutural existente em nossa economia. Para isto, outros caminhos terão que ser abertos.

Desenvolvimento humano e infraestrutura

No Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), Santa Catarina só está atrás do Distrito Federal. De outro lado temos o crescimento desorde-

¹⁰ Estatística do cooperativismo em Santa Catarina – OCECSC. (<http://www.ocesc.org.br/cooperativas/estatisticas.php>)

¹¹ Produto Interno Bruto. Secretaria de Estado do Planejamento / SC, em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

¹² Unidade de Acompanhamento Econômico Industrial – Diretoria de Relações Industriais – FIESC



nado das principais cidades que se vêem incapazes de atender a população que aumenta mais que a infraestrutura e os serviços disponíveis. Cresce com isso a favelização, o sub-emprego, a ocupação desordenada do solo, tanto por ricos como pelos pobres. Somente Florianópolis, entre 1987 e 2004, aumentou em 103,44%, e a população de favelas na capital saltou de 21.393 para 61.445 pessoas, num aumento de 187,22%. O PIB per capita da Capital caiu 6,57% entre 2000 e 2004, o que demonstra uma forte concentração da renda. O trânsito de nossas cidades cada vez mais caótico, com sistemas de transporte público deficiente e caro, beneficiando, preferencialmente os empresários do setor.

No campo da infra-estrutura, Santa Catarina apresenta um dos piores índices de coleta de esgoto do país com cobertura de 12% apenas, só ficando na frente do Estado do Piauí. São 22,7% os catarinenses que não tem acesso à rede de distribuição de água.¹³ Segundo dados do Sindicato da Indústria da Construção – Sinduscon, 400 mil pessoas não tem casa própria em Santa Catarina.¹⁴

Educação e informação

Na educação Santa Catarina é destaque nacional, chegando a 93% da população acima de 5 anos alfabetizada (embora 16% são considerados alfabetizados funcionais). A grande maioria (92,5%) dos matriculados no Ensino Fundamental em 2007, estão em escolas públicas. Este índice cai um pouco no Ensino Médio, vai para 86,3%. Apenas 7,7% estudam em escolas privadas no ensino fundamental e médio. No ensino superior este público se inverte: o acesso às instituições públicas de ensino superior é alcançado privilegiadamente pelos que estudaram em escolas particulares no ensino básico. Falando em ensino superior, não podemos esquecer um fenômeno importante nos últimos anos que foi a expansão das instituições de ensino superior (IES) em Santa Catarina. Temos 105 instituições deste tipo, sendo 8 públicas com 274 cursos, e 97 privadas, oferecendo 821 cursos. 15 7,13% da população de SC consegue realizar um curso superior. Número ainda pequeno comparado com a Coréia do Sul, em que 83% têm formação superior, mas representa uma nova realidade, um novo público que tende a crescer e com o qual precisamos dialogar e colaborar. No outro lado da moeda está ainda o desafio da grande massa da população que é excluída da formação profissionalizante e superior devido aos custos do ensino pago.

¹³ SNIS. Programa de Modernização do Setor Saneamento. Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento: diagnóstico dos serviços de água e esgotos – 2006. Brasília. 2007.

¹⁴ Jornal Diário Catarinense, 03/02/07.

¹⁵ Fonte: INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

No campo da informação o documento de Aparecida e as próprias diretrizes da CNBB destacam um grande fator de transformação na atualidade, que é o desenvolvimento na ciência na tecnologia.¹⁶ Dentre esses podemos destacar os meios de comunicação e transmissão de dados. Em Santa Catarina 26,7% da população possuem computador com acesso à Internet – terceiro lugar no país¹⁷. Por outro lado, os meios de comunicação, especialmente televisões, rádios e jornais estão concentrados nas mãos de poucos grupos. Cabe destaque aos três grandes e tradicionais jornais de circulação estadual, que estão em poder de um só grupo. Isto limita bastante os olhares e as perspectivas de difusão e análise das informações.

Trabalho infantil e violência

Mesmo com o destaque na educação catarinense, lembramos de um grave problema que ainda persiste, o trabalho infantil. Enquanto que no país o registro de trabalho infantil entre 2003 e 2004 diminuiu em 60%, em SC aumentou 34,37%. Segundo a OIT¹⁸ o número de crianças e adolescentes entre 10 e 17 anos trabalhando em Santa Catarina passou de 160 mil em 2003 a 215 mil em 2004. O Mapa Indicativo do Trabalho da Criança e Adolescente, do Ministério do Trabalho e Emprego, publicado em 2005, aponta 112.057 crianças e adolescentes entre 05 e 15 anos trabalhando em 2002 (62,63% do total no campo). Os demais setores que mais empregam mão-de-obra infantil são: indústria têxtil, indústria calçadista, esquadrias de madeira, cerâmica e serviços domésticos.¹⁹

O aumento da violência urbana também é gritante. Entre os anos de 2000 e 2005, houve 1.329 mortes por causas violentas só em Florianópolis.²⁰ Nesta esteira se apresenta o tráfico e o consumo de drogas, bem como o mundo paralelo que se cria em torno dessa situação. O crime organizado é presente e atuante nas periferias, nas regiões nobres, nas cadeias e até mesmo nos espaços públicos. São comuns as notícias de operações policiais identificando e prendendo empresários corruptos, estelionatários, criminosos virtuais, traficantes, além dos já conhecidos ladrões para sustentar os vícios. Os presídios estão superlotados de pobres, num caos nunca visto em Santa Catarina. De outro lado os crimes

¹⁶ CNBB Doc. 87, p.21.

¹⁷ Fonte: PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – 2006.

¹⁸ Organização Internacional do Trabalho, ligada à ONU.

¹⁹ Texto elaborado a partir das oficinas diocesanas pela coordenação colegiada da Cáritas Brasileira Regional Santa Catarina – fevereiro/2008

²⁰ ICom – Instituto Comunitário Grande Florianópolis. Relatório anual Sinais Vitais. In: Diário Catarinense, 06/06/2008.



do colarinho branco, em sua grande maioria, permanecem impunes. Há um descrédito nas instituições públicas, e o poder judiciário não fica fora disso.

A política: do tradicional aos movimentos sociais e o controle social

O enfraquecimento da política também ocorre em Santa Catarina. Com o governo federal mais identificado com setores populares, por muito tempo apenas oposição, se revelam as lideranças políticas que só estavam buscando uma oportunidade de ocupar o poder e os privilégios, e as autênticas lideranças que permanecem fiéis às propostas de uma sociedade mais justa para todos. Permanece o desafio do exercício do poder em benefício da maioria. A chamada descentralização administrativa do atual governo estadual até o momento não apresentou o resultados prometidos, e sim, aparenta mais uma estrutura burocrática, de empregos e com forte peso eleitoral. O elitismo na política catarinense ainda é muito forte. A grande massa caminha longe desse mundo, sem o menor envolvimento. As iniciativas de administrações populares são positivas e necessárias, com êxitos importantes, mas não conseguem o impacto desejado na maioria das regiões, e, por vezes, apenas promovem seus líderes, mas a sociedade não muda significativamente. Ainda na política é importante destacar os efeitos positivos da lei 9840 contra a corrupção eleitoral, que vem forçando mudanças nas campanhas eleitorais e na própria condução dos mandatos.

Há um claro momento de instabilidade nos movimentos sociais e sindicais de modo geral. Muitos sindicatos estão mais voltados para demandas de sua própria categoria e não se envolvem em outras lutas mais ampliadas do movimento social. As lutas estão dispersas e não há unidade nas nossas lutas comuns, somada a falta de um trabalho de base mais amplo. A metodologia utilizada pelos Movimentos Populares parece que não atrai mais o povo como na década de 1980.²¹ É evidente que o individualismo e indiferentismo, tão comuns nos tempos atuais, contribuem decisivamente para o enfraquecimento dos movimentos sociais mais combativos. Por outro lado há o crescimento da presença de organizações não governamentais ligadas às questões ambientais e causas sociais específicas com o trabalho com crianças e adolescentes.

Nas políticas públicas há um grande empenho por parte de lideranças e instituições sociais e religiosas em participar de conselhos e fóruns, mas ainda de forma pouco orgânica e eficaz. Falta ainda conhecimento do papel das Políticas Públicas e do aparato estatal, bem como superar a cultura

“cartesiana” presente na sociedade, ou seja, se trabalham as políticas públicas também como “coisas” fragmentadas. Uma política separada da outra. Outro fator limitador desta efetiva participação e a frágil capacitação é o pouco tempo disponível para os conselheiros, pois geralmente são voluntários que já têm uma agenda carregada com atividades de sua organização ou comunidade. Os espaços de discussão e deliberação das políticas públicas deveriam ser prioridade em nosso empenho social, na garantia dos direitos e no controle social, numa perspectiva propositiva.²²

Contribuição social da Igreja Católica: novas posturas, velhos vícios

Neste sentido constatamos a mudança de rumo na atuação da Igreja no campo social, que vem ocorrendo em vários grupos e iniciativas nos últimos anos. Os próprios Mini Projetos Alternativos da CNBB, que começaram em 1989 financiando propostas imediatas, com investimentos “a fundo perdido”, hoje constituem um fundo rotativo que se mantém com a devolução dos próprios grupos contemplados. Ao mesmo tempo se investiu na articulação da rede de Economia Solidária, na perspectiva da construção de uma política pública para o setor, evitando a substituição do papel do poder público.

Outros exemplos desta mudança vemos nas iniciativas das “Cozinhas Comunitárias” na diocese de Joinville e nos “Consórcios da Juventude” na grande Florianópolis. Projetos que nasceram no berço de anos de reivindicações e lutas das comunidades eclesiais de base, que em alguns momentos foram de afronta direta ao estado e às elites, hoje são viabilizados a partir de redes de parcerias envolvendo vários setores da sociedade, inclusive empresariais e do próprio poder público. As pastorais sociais estão todas voltadas para a mobilização popular, mas também empenhadas na formação e na realização de projetos em redes com outras organizações.

Ao lado dessas mudanças ainda permanecem velhos vícios. Muitas vezes não são os recursos que faltam, mas bons projetos, claros e objetivos, construídos com o protagonismo dos excluídos, bem elaborados e apresentados para a sociedade. É muito difícil conseguir o comprometimento de alguma pessoa ou instituição sem que nós mesmos saibamos exatamente onde nossa idéia poderá chegar. É a necessária superação do voluntarismo e do espontaneísmo. Um problema sério nas ações da Igreja Católica catarinense, e, em particular nas ações sociais é o imediatismo, a fragilidade no planejamento estratégico, no monitoramento e na avaliação das iniciativas. Na falta disso, se privilegia o costumeiro, o que deu certo e está mais às portas, a ação caritativa emergencial, que

²¹ Texto elaborado a partir das oficinas diocesanas pela coordenação colegiada da Cáritas Brasileira Regional Santa Catarina – fevereiro/2008

²² Idem.



nada transforma, e na maioria das vezes, contribui para a perpetuação das distorções sociais. Ainda temos medo de enfrentar a burocracia, das prestações de contas, dos planejamentos bem estruturados.

Realidade que interpela e traz esperanças

Por fim, podemos dizer que as contradições demonstram nossos limites, mas também muitas potencialidades. A sociedade catarinense reflete o estilo do mundo atual em que predominam o efêmero, a satisfação imediata, numa “cultura individualista, dissociada dos valores e da ética, que está gerando uma cultura de morte.”²³ Tal postura é evidente na absurda desigualdade social, na má distribuição da renda e dos bens produzidos socialmente. Cada vez mais as palavras de Puebla se tornam atuais: “o luxo de alguns poucos converte-se em insulto contra a miséria das grandes massas”²⁴. E as feições sofredores do Cristo nos interpelam a cada dia:²⁵ feições de crianças golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer; feições de jovens desorientados e frustrados; feições de indígenas e afro-descendentes vivendo segregados e em situações desumanas; feições de agricultores e agricultoras sem terra; feições de desempregados e sub-empregados; feições dos moradores de rua; feições de doentes e idosos nas filas esperando por atendimento; entre tantas outras.

“Por outro lado, nosso olhar de fé e de esperança também constata aspectos positivos dessa mudança cultural. Entre outros, aparece o valor fundamental da pessoa, de sua liberdade, consciência e experiência, bem como a busca do sentido da vida.”²⁶

Apesar da fragilização que sofre nos últimos tempos, a família ainda é um grande espaço de convivência e formação, que, evidentemente, vai se moldando aos novos tempos. Podemos ainda apontar outras oportunidades no campo da educação e da cultura, da vida comunitária, da organização popular, dos projetos sociais e de fortalecimento da cidadania, acreditando que vida sempre vencerá a morte.

Endereço do Autor:

Rua Fernando Mendes de Souza, 76 – Centro
88025-152 Florianópolis, SC
roberto.iunskovski@unisul.br

²³ CNBB Doc 87, 19.

²⁴ Conclusões de Puebla, 28.

²⁵ Idem, 31-39.

²⁶ CNBB Doc 87, 20.



Resumo: Há uma construção única, que é a vida, em todas as suas formas e anseios. Há um único serviço, que é o serviço à vida, para que ela seja feliz. É para isso que todos e todas são chamados a realizar, num único poder, o plano de Jesus, que é vida em abundância para todos e todas (Jo 10,10).

Abstract: There is one presentation of life in all of its forms and desires. There is one service to be rendered, which is the service for the benefit of life for its happiness. For this purpose all are called to render whatever is in their power to convert to reality the project of Jesus which is a life of all its fullness for all concerned (Jn 10:10).

A dignidade do leigo

Moacir José Albuquerque*

* O autor é leigo engajado nos serviços pastorais, animador e assessor de Grupos Bíblicos em Família e Comunidades Eclesiais de Base.